CAMINHOS PARA A SAÍDA. FACTORES QUE CONTRIBUEM PARA O ABANDONO ESCOLAR DO ENSINO SECUNDÁRIO EM ESCOLAS DE VILA NOVA DE GAIA: A PERSPECTIVA DOS JOVENS [1]

Álvaro Almeida dos Santos
Escola Secundária com 3° Ciclo Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves (Valadares)

José Matias Alves
Universidade Católica Portuguesa

Resumo

Neste artigo apresentam-se e discutem-se os resultados de um estudo realizado em Vila Nova de Gaia, no qual se procuram identificar os factores que influenciam a saída prematura de jovens do ensino secundário em escolas do concelho. Procedemos a um estudo qualitativo, entrevistando jovens que tinham frequentado o 10.° ou o 11.° ano, num universo de seis escolas secundárias do concelho, e que abandonaram a escola sem completarem o ensino secundário. Procurámos, também, conhecer as percepções dos conselhos executivos dessas escolas sobre a relevância de conjuntos de factores que podem influenciar tais decisões. Os resultados encontrados sugerem que o abandono escolar precoce no ensino secundário resulta de um processo multidimensional, influenciado por uma variedade de factores intra e extra-escolares, que têm como consequência custos individuais e sociais graves. O grau de importância de um ou mais factores nas decisões de saída prematura depende das condições socioeconómicas e educativas dos jovens no momento em que se desvinculam da escola. A análise das percepções dos conselhos executivos sugere que, genericamente, há convergência com as perspectivas dos jovens quanto aos factores encontrados, mas divergem no que respeita ao grau de influência desses factores nas decisões de abandono precoce.

[1] Texto correspondente a uma dissertação de mestrado defendida na Universidade Católica Portuguesa, sob orientação de Joaquim Azevedo e José Matias Alves

Introdução

A saída prematura de jovens do sistema escolar tem vindo a adquirir crescente relevância num contexto internacional em que se constata o persistente atraso que caracteriza a população portuguesa ao nível da formação escolar. A adopção, pela União Europeia, de um modelo de desenvolvimento baseado na economia do conhecimento, tal como foi definido em Março de 2000, suscita apreensão quanto aos riscos de uma dualização social ente os detentores de qualificações profissionais e/ou escolares reconhecidas e aqueles que ingressam no mercado de trabalho escolar e profissionalmente desqualificados (Azevedo, 1999).

Os dados relativos a 2001 evidenciam que, em Portugal, 44,8%[2] dos indivíduos no grupo etário entre os 18 e os 24 anos não tinham concluído o ensino secundário nem se encontravam a frequentar a escola. Nesse ano e no mesmo grupo etário, o concelho de Vila Nova de Gaia apresentava uma taxa de 42,6% de incidência do problema.

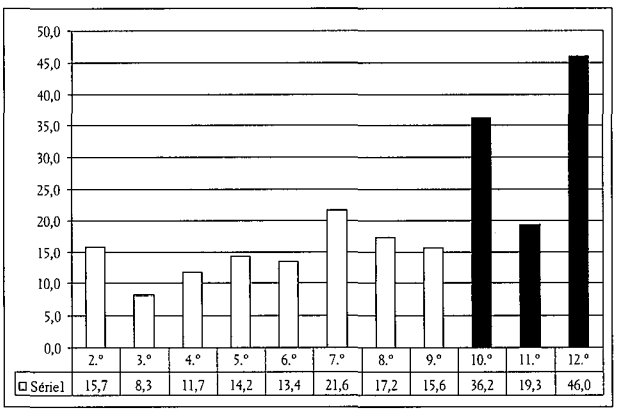
Apesar de uma ligeira melhoria registada neste indicador nos anos subsequentes, as taxas de saída precoce, de acordo com dados do Eurostat, estabilizaram em torno dos 40% (40,4%, em 2003; 39,4%, em 2004; 38,6%, em 2005; 39,2%, em 2006), mantendo-se a uma considerável distância dos 10% de valor médio definido para o conjunto dos países da União Europeia para 2010. O sistema escolar registou um crescimento assinalável, passou a incorporar, em todos os seus níveis, crianças e jovens de classes que, até então, dificilmente o integrariam. O lento, difícil e tardio processo de escolarização apenas teve expansão massiva nas últimas três décadas. Embora sujeito a resistências culturais e económicas, alterou significativamente a estrutura social portuguesa (Azevedo, 2002a). De acordo com dados do Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo (GIASE), a taxa de escolarização ao nível do ensino secundário aumentou, gradualmente, de 8,9%, em 1977/78, para 59,8%, em 2004/2005[3], o que se revelou insuficiente para a recuperação do atraso escolar relativamente aos nossos parceiros europeus. Os números do percurso escolar dos jovens entre os 18 e os 24 anos sugerem a existência de um arco de resistência à escolarização

[2] Taxa de saída escolar precoce, definida como o total de indivíduos, num dado momento censitário, com 18-24 anos, que não concluíram o ensino secundário e não se encontravam a frequentar a escola (por cada 100 indivíduos do mesmo grupo etário).

[3] Em 2004/2005, 83,2% da população entre os 15 e os 17 anos encontrava-se a estudar. A taxa real de escolarização no nível secundário de 59,8%, na mesma data, significa que uma parte significativa da população desse grupo etário se encontrava no ensino básico. A taxa de escolarização do ensino secundário, depois de ter atingido um valor máximo de 62,5%, em 2000/2001, estagnou em valores próximos dos 60%. As indicações recentes do Ministério da Educação, que poderão ser consultadas em http:// www.gepe.min-edu.pt, referem um aumento do número de alunos no ensino seundário em 2006/2007 e em 2007/2008.

e à qualificação (Azevedo, 2003). Para tal, contribuem aspectos que surgem como área crítica do sistema educativo. Entre elas, avultam as elevadas taxas de retenção e desistência, com particular relevo para o caso do ensino secundário (Gráfico n.° 1), particularmente elevadas nos 10.° e 12.° anos de escolaridade. A situação agrava-se em resultado das saídas escolares prematuras que se registam no ensino secundário, particularmente nos 10.° e 11.° anos, por parte de jovens em idade inferior aos dezoito anos.

Gráfico n.° 1 - Média de retenções e desistências entre 1994 e 2004 por ano de escolaridade.



Fonte: Ministério da Educação, GIASE, *Séries Cronológicas do Sistema Educativo*

O retrato sucintamente traçado serve, igualmente, para evidenciar a distância a que ainda nos encontramos para alcançar o objectivo de tornar os estudos de nível secundário o referencial mínimo, generalizado, de escolaridade dos portugueses, pesem embora dados recentes que sugerem uma recuperação do número de jovens que procuram uma escolarização de nível secundário, com particular incidência no ensino profissional.

A identificação dos factores que conduzem à saída prematura dos alunos de ensino secundário das escolas de Vila Nova de Gaia, no 10.° ou no 11.° ano, constituiu o objecto do nosso estudo.

Factores de abandono escolar precoce

Caracterizado como problema social e institucional de dimensão relevante (Rumberger, 2001; Bonnéry, 2004; Hemerijick, 2006), vasto e grave, conforme refere Azevedo (1999), de "preocupante gravidade social" (Almeida & Santos,

1990; Ferrão *et al*, 2001; PNAPAE, 2004), ou mesmo uma "epidemia silenciosa" (Bridgeland, 2006), dificilmente apreensível em toda a sua extensão e complexidade, o abandono escolar tende a transferir-se para níveis de escolaridade mais elevados. No terceiro ciclo as maiores incidências do fenómeno ocorrem no grupo etário dos 14-15 anos. Inscrito num segmento do sistema educativo para além do cumprimento da escolaridade obrigatória, o ensino secundário constitui uma meta formativa não cumprida por cerca de 450 mil jovens portugueses que, em 2001, tinham entre 18 e 24 anos, 266 mil dos quais não tinham chegado a concluir o 9.º ano. O carácter precário da inserção destes jovens no mercado de trabalho, decorrente da ausência de qualificações académicas e profissionais, o estabelecimento de um patamar formativo mínimo correspondente ao 12.º ano, que vem crescentemente a ser referido como estratégia de desenvolvimento social e económico, a necessidade percebida de recuperação do atraso educativo que nos separa dos parceiros internacionais e o cumprimento das metas relativas à redução da saída precoce propostas pela Comissão Europeia, para 2010, têm vindo a dar mais visibilidade aos números do insucesso e da saída precoce em Portugal. O carácter não obrigatório do ensino secundário e a prevalência de uma matriz selectiva em grande parte das escolas secundárias poderá constituir um contributo para que as saídas prematuras do sistema escolar no ensino secundário tenham sido "naturalizadas" e raramente encaradas como problema. Ao nível do concelho de Vila Nova de Gaia, os números das inscrições de alunos no ensino secundário, ao longo dos últimos cinco anos lectivos, relevam a dimensão das perdas de alunos que ocorrem, predominantemente, entre o 10.º e o 11.º anos.

O abandono escolar precoce caracteriza-se, habitualmente, por um longo e progressivo processo de desvinculação[4] à escola, que se manifesta nos desempenhos escolares e sociais dos jovens (Alexander *et. al.*, 1997; Rumberger, 2001; Lee & Burkam, 2003; Sweeten, 2006; Tilleczek, 2006). Estudos quantitativos e longitudinais colocam em evidência diversos factores, em interrelação, que potenciam o risco de saída precoce do sistema escolar. Para além daqueles que incidem sobre o perfil individual, cognitivo e académico, percurso escolar e o absentismo, adicionam-se os efeitos do contexto socioeconómico e situação familiar como factores que influenciam as decisões de abandonar a escola (Ekstrom *et. al*, 1986; Alexander *et. al.*, 1997; Rumberger, 2001; Beekhoven & Dekkers, 2005; Kritikos & Ching, 2005; Barton, 2006). As conclusões apontam para a relação entre o baixo nível sociocultural dos pais, pouco escolarizados e de escassos recursos económicos, e o grupo de jovens em que se verificam taxas mais significativas de saída escolar precoce. A débil supervisão e envolvimento

[4] A partir do termo "disengagement", usado frequentemente nos estudos em língua inglesa sobre o assunto, entendido como o resultado de um conjunto de processos encadeados e factores que conduzem ao afastamento e consequente abandono por parte de grupos de jovens.

parental na educação das crianças e jovens estão fortemente associados ao elevado absentismo (Janosz *et. al.*, 1997; Broccolichi *et al.*, 2004; Kritikos & Ching, 2005). Estes estudos sugerem que o fenómeno não resulta exclusivamente do insucesso escolar ou das dinâmicas de participação e de inclusão, mas da associação de factores sociais, familiares e experiências escolares individuais.

O carácter sistémico do fenómeno, assinalado por Azevedo (1999) e pelo PNAPE (2004) compreende quatro subsistemas: o **indivíduo**, a **família**, a **escola** e o **meio envolvente**. As causas que determinam o abandono escolar e as saídas antecipadas e precoces estão relacionadas com a qualidade e a intensidade das interacções destes subsistemas, com "características-tipo" que se entrecruzam. Funcionam, afinal, como constituintes de um sistema no qual interagem vários subsistemas.

Smyth & Hattam (2001), Lee & Burkam (2003), Beekhoven & Dekkers (2005), Smyth (2005) e Tilleczek *et . al.* (2006) defendem a necessidade de alteração do foco nos estudos acerca da saída precoce. Consideram que os investigadores não têm atribuído importância às vozes dos jovens que abandonam a escola. Nesse sentido, propõem uma ruptura com as metodologias utilizadas na maioria dos estudos realizados, desviando o foco de análise e procurando factores de abandono precoce também na escola. No âmbito da realidade portuguesa, Azevedo (2002b) referencia um conjunto de causas para o mal-estar e para o conflito latente de muitas crianças e jovens com a escola, sendo de destacar a grande disparidade de códigos linguísticos e de ambientes culturais entre alguns meios sociais restritos e o quadro escolar, como ocorre no caso de minorias étnicas e de famílias pobres e marginais, face às quais as escolas não desenham estratégias específicas de acolhimento e de integração. Quando o fazem, estas quedam-se pela marginalidade (pequenos projectos inseridos no todo escolar).

Rumberger (2001), por sua vez, baseado em estudos realizados por Finn, Wehlage, Rutter, Smyth, Lesko e Fernandez, em 1989, conclui que as escolas podem afectar a saída precoce de duas formas: indirectamente, através de políticas e práticas[5] centradas na preocupação da eficácia geral e nos resultados escolares, associadas a características como os agrupamentos de alunos, a dimensão e a afectação de recursos, contribuindo para a saída "voluntária" em resultado das condições oferecidas para a sua implicação ou não na escola; directamente, através de políticas explícitas e conscientes que provocam a saída "involuntária": resultados fracos, assiduidade reduzida, mau comportamento, idade mais elevada que a esperada para o nível escolar de frequência, suspensões, expulsões ou transferências forçadas.

[5] Políticas e práticas entendidas como cultura e clima social e académico da escola, taxas de entrada no ensino superior, percepções dos alunos acerca de políticas de justiça na escola.

Independentemente dos motivos que levam os jovens a abandonar a escola, as consequências são nefastas para os jovens e acabam por reproduzir desigualdades sociais. Os candidatos a um emprego que se apresentam sem qualificações escolares ou profissionais encontram-se entre os mais vulneráveis e correm maiores riscos de exclusão do mercado de emprego (Azevedo, 2002a). Os adultos que revelam maiores dificuldades em adquirir novas formações são aqueles que possuem baixos níveis e instrução inicial e que não têm confiança nas suas capacidades para aprender (Hutmacher, 1998, citado por Benavente *et al.*, 1994).

Perspectivada como factor decisivo de valorização individual e das sociedades, a educação constitui um veículo promotor de condições de maior riqueza e produtividade nas sociedades. Os riscos de fragmentação social e de exclusão em resultado da dualização socioeconómica apresentam-se como uma ameaça na sociedade actual (David & Foray, 2003) e na portuguesa, em particular. Para Rodrigues (2006), o conhecimento está a tornar-se a principal fonte de riqueza das nações, empresas e pessoas, embora possa ser também o principal factor de iniquidade.

As questões enunciadas orientaram esta pesquisa. O presente estudo procura conhecer a dimensão da saída prematura de alunos que frequentavam o 10.°ou o 11.° ano em escolas secundárias do concelho de Vila Nova de Gaia e identificar, a partir da perspectiva dos jovens, quais as causas que influenciaram a decisão. Simultaneamente, tenta saber quais as percepções das direcções executivas dessas escolas acerca da relevância de conjuntos de factores, intra e extra-escolares, que podem estar na base da saída prematura dos jovens no ensino secundário.

Metodologia

A pesquisa incidiu sobre as perspectivas dos jovens quanto aos factores que determinaram as decisões de saída do sistema escolar e as percepções das direcções executivas das escolas quanto à relevância de dimensões em que esses factores se inscrevem com determinantes das decisões de saída prematura. Foi realizado em seis escolas secundárias de Vila Nova de Gaia, em áreas com características sócio-demográficas e económicas tão diversificadas quanto possível, em diferentes áreas territoriais do concelho, cujas principais características sócio-demográficas se encontram inscritas no quadro n.° 1, anotando-se, ainda, o número de freguesias das áreas de influência de cada um dos estabelecimentos de ensino constantes do estudo.

Quadro n.º 1 – Principais características sócio-demográficas das zonas envolventes das escolas secundárias incluídas no estudo

Escola	Principais características sócio-demográficas (a)	Fr.
ESCOLA A	Zona urbana, forte densidade populacional e actividades económicas em que predomina o sector terciário.	1
ESCOLA B	Zona de transição entre o litoral e o interior, com densidade populacional ligeiramente superior à média concelhia e equilíbrio entre actividades económicas dos sectores secundário e terciário	4
ESCOLA C	Zona periurbana, com densidade populacional elevada e equilíbrio entre actividades ligadas à indústria e aos serviços.	3
ESCOLA D	Zona interior com densidade populacional inferior à média gaiense, industrialização difusa e reduzida taxa do sector terciário.	4
ESCOLA E	Zona litoral semi-urbana, com forte densidade populacional e ligeiro predomínio de sector de serviços sobre o sector secundário.	3
ESCOLA F	Zona de transição entre o litoral e o interior, com densidade populacional ligeiramente inferior à média concelhia, com predomínio do sector industrial.	3

(a) A caracterização foi realizada com base em dados no INE e da ACIGAIA.
Fr. – Número de freguesias da área de influência.

Optou-se pela utilização de uma metodologia mista, quantitativa e qualitativa, com diferentes processos de recolha e tratamento de dados: grelha de recolha de dados estatísticos, instrumentos verbais escritos (inquérito por questionário) e orais (entrevista), análise estatística e análise de conteúdo.

A grelha de recolha de dados servia como instrumento de levantamento de dados que permitiram o conhecimento da dimensão do problema nas escolas secundárias: o número de alunos, por género, inscritos no início do ano, que anularam matrícula e/ou foram excluídos, os transitados/aprovados e os retidos nos três últimos anos lectivos nos 10.º, 11.º e 12.º anos. O questionário foi organizado segundo três eixos de análise: o primeiro era referente à identificação da escola participante, quanto ao número de professores e tipo de vínculo administrativo, número de alunos por ano, ciclo de estudos e cursos, oferta educativa disponível, completada com uma questão aberta de resposta curta em que era solicitada a caracterização sucinta perfil sociocultural dominante dos alunos da escola; o segundo era composto por dezasseis itens, organizados em

quatro campos; o terceiro, era composto por quatro questões de resposta curta e uma quinta para observações que os respondentes considerassem úteis.

Com a entrevista semi-estruturada, procurava-se conseguir a expressão livre dos entrevistados, sem recurso a perguntas específicas ou a alternativas fechadas de resposta. Para tal elaborámos um guião, organizado através de uma listagem de itens, percorrendo os mesmos campos utilizados no questionário aplicado às direcções executivas das seis escolas secundárias, no sentido de ser efectuada uma análise cruzada das respostas.

Os entrevistados foram seleccionados, em número e género, em função de ocorrências de abandono escolar precoce, identificadas nas escolas seleccionadas nos três anos lectivos anteriores à realização das entrevistas, em congruência com o universo, por género, dos alunos que saíram prematuramente no 10.° ou no 11.° ano.

Quadro n.° 2 – Total e percentagens, por género, de alunos que saíram precocemente nas escolas participantes no estudo (anos lectivos 2003-2004; 2004-2005; 2005-2006)

	Total saída 10.°e 11.° anos			Média (%)	
	HM	H	M	H	M
Escola A	63	27	36	42,86	57,14
Escola B	95	48	47	50,53	49,47
Escola C	75	35	40	46,67	53,33
Escola D	56	32	24	57,14	42,86
Escola E	62	27	35	43,55	56,45
Escola F	69	44	25	63,77	36,23
Total	420	213	207		
				50,75	49,25

As entrevistas foram aplicadas a dezanove antigos alunos (dez do sexo masculino e nove do sexo feminino) das escolas secundárias de Vila Nova de Gaia seleccionadas para o estudo, nas condições enunciadas.

A categorização dos entrevistados, de acordo com a escola frequentada, a idade de abandono dos estudos, o curso que frequentava, a situação profissional, a escolaridade dos encarregados de educação e tipo de família actual, encontra-se inscrita no quadro n.° 3.

Procedeu-se, ainda, à recolha e análise de documentos fornecidos pela DREN e pela Divisão de Educação da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, designadamente Carta Educativa do Concelho de Vila Nova de Gaia, bem como o "Diagnóstico Social do Concelho de Gaia".

Quadro n.º 3 – Categorização dos entrevistados no estudo, segundo a escola frequentada, a idade de abandono dos estudos, curso que frequentava, situação profissional, escolaridade dos encarregados de educação e tipo de família

	Idade e ano escolar que frequentavam na altura da saída da escola								Cursos que frequentavam		Situação Profissional		Escolaridade dos pais/ encarregados de educação				Família "Tradicional"	Famílias c/ 5 ou mais elementos no agregado	Família Monoparental	Vive só
	15		16		17		18													
	10.º	11.º	10.º	11.º	10.º	11.º	10.º	11.º	Cient-Hum	Tecnol.	A exercer profissão	Não Ocupados	< ou 4.ºano Básico	Básico 6.º ano	Básico 9.º ano	Secundário				
Escola A - HM					1						1		1				1			
H																				
M					1						1		1				1			
Escola B - HM					2	1	1		4		2	2	3		1			2	1	
H					1	1	1		3		1	2	2		1		1	1	1	
M					1				1		1		1					1		
Escola C - HM	1		2		1				5	3	4	1	2		2	1	4			
H			1		1				1	1	2				1	1	2			
M	1		1						1	2	2	1	2				2			
Escola D - HM	1		2				1		4	3	3	1	4				2	2		
H			1				1		2	2	2		2					1	1	
M	1		1						2	1	1	1	2				1	1		
Escola E - HM					1		1		2		1	1	2				3			1
H					1				1		1		1				1			
M							1		1			1	1							1
Escola F - HM	1		1				1		3	1	2	1	2	1			3			
H			1				1		1	1	1	1	2	1			1			
M	1								2								2			
Totais HM	3	0	6	0	4	1	4	0	19	8	15	6	14	1	5	1	13	4	1	1
H	0	0	3	0	4	1	2	0	10	5	8	2	6	1	2	1	7	2	1	0
M	3	0	3	0	0	0	2	0	9	3	7	4	8	0	3	0	6	2	0	1

Os dados que constituíram objecto de análise foram as respostas e informações obtidas no decurso das entrevistas. A variável idade, por exemplo, permite categorizar a frequência do fenómeno e, a partir dela, produzir inferências quanto ao perfil-tipo do aluno que abandona. Os 16 e 17 anos foram a idade em que o maior número de alunos deixou a escola. Todos os jovens que tinham 16 anos e abandonaram precocemente a escola fizeram-no no 10.º ano (3 do género masculino e três do género feminino). Os alunos entrevistados com 17 anos, que abandonaram no 10.º ano, eram todos rapazes. No grupo de entrevistados, os sujeitos que saíram com 15 anos (10.º ano) eram do sexo feminino. Anotam-se, ainda, os baixos níveis de escolarização da maioria dos pais e encarregados de educação dos jovens "abandonantes".

Resultados e discussão

Com base no percurso metodológico enunciado, os resultados do levantamento de dados das seis escolas de Vila Nova de Gaia participantes no estudo são os que se apresentam no quadro n.º 4.

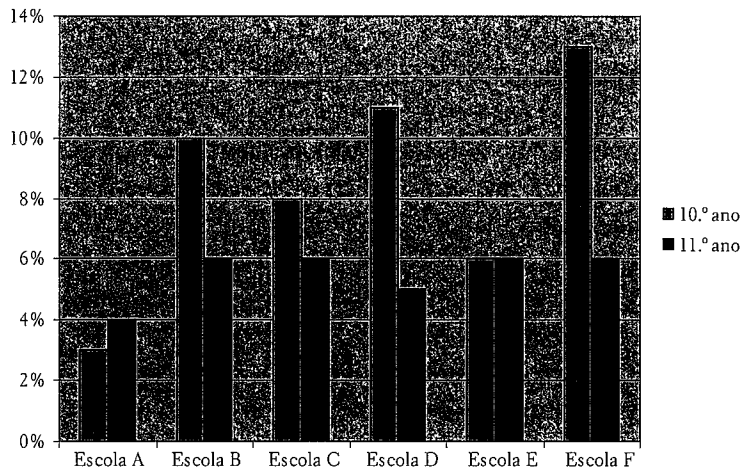
Quadro n.º 4 – Números totais de alunos matriculados no inícios do ano lectivo, de anulações de matrícula ou exclusões, de transições/conclusões e de retenções nos anos lectivos Nas escolas A, B, C, D, E e F (anos lectivos) 2003/2004, 2004/2005 e 2005 2006.

Ano Lectivo	10.º Ano				11.º Ano				12.º Ano			
	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	D
2003/2004												
HM	1149	91	801	257	884	53	724	107	758	57	532	169
H	525	43	356	126	365	23	276	66	316	21	209	86
M	624	48	450	131	519	30	448	41	442	36	323	83
Ano Lectivo	10.º Ano				11.º Ano				12.º Ano			
	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	D
2004/2005												
HM	1238	110	890	238	846	40	701	105	871	50	587	234
H	567	66	354	147	377	19	300	58	354	28	212	114
M	671	44	536	91	469	21	401	47	517	22	375	120
Ano Lectivo	10.º Ano				11.º Ano				12.º Ano			
	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	D
2005/2006												
HM	1030	72	766	192	927	54	739	134	912	52	611	249
H	465	40	318	107	374	22	283	69	412	22	330	120
M	565	32	448	85	553	32	456	65	500	30	341	129

A - N.º de alunos matriculados no início do ano lectivo
B - N.º de alunos que anularam a matrícula ou foram excluídos por faltas ao longo do ano lectivo
C - N.º de alunos que transitaram ou foram aprovados no final do ano lectivo
D - N.º de alunos retidos no final do ano lectivo

A análise dos dados globais, apresentados no quadro n.º 4, permite-nos concluir que a ocorrência das saídas prematuras, inscrita na coluna B, nas escolas estudadas, se verifica em todos os anos de escolaridade, embora com maior expressividade no 10.º ano. Dos três anos lectivos analisados, o de 2004/2005 foi aquele em que se registou um total de 110 ocorrências do fenómeno, com valor mais elevado para os homens (66) e uma taxa relativa total de 9%, a mais elevada de todos os anos. Ao procedermos ao grau médio de incidência da saída prematura em cada escola, constata-se que nos três anos lectivos considerados, a frequência relativa das saídas de alunos em período que antecede o final do ano escolar é mais elevada no 10º ano em todas as escolas estudadas, com a excepção da escola A, que possui um nível superior no 11º ano, e a escola E, que tem uma taxa de incidência média idêntica para os dois anos. O valor máximo ocorre na escola F, que atinge 13% de média de abandonos no 10º ano e o mínimo na escola A, com 3% no 10º ano (Gráfico nº 2).

Gráfico nº 2 – Taxa de incidência média de saída prematura de alunos nos 10º e 11º anos nas escolas incluídas no estudo (2003/2004, 2004/2005, 2005/2006)

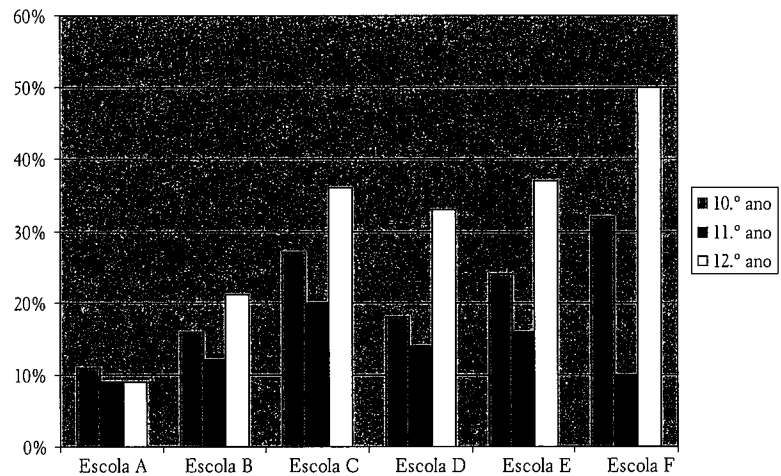


Fonte: Direcções executivas das escolas secundárias (A - F).

A observação do Gráfico n.º 3 permite concluir que, com excepção da Escola B, as escolas com maior incidência de saídas prematuras são também aquelas que, no final de cada ano, possuem as taxas de retenção médias mais elevadas no ensino secundário, calculadas com base nos resultados dos três últimos anos lectivos. Considerando os indicadores de desistência e as taxas de retenção médias nos anos de ensino secundário, da análise conjugada dos Gráficos 2 e

3, concluímos que, em ambos, no extremo superior e inferior se encontram, respectivamente, a Escola F e a Escola A.

Gráfico n° 3 - Taxa de insucesso nos 10°, 11°e 12.° anos nas escolas incluídas no estudo (média dos anos lectivos 2003/2004, 2004/2005, 2005/2006)



Fonte: Direcções executivas das escolas secundárias (A-F)

Mais importante do que a dimensão das escolas e número de alunos que as frequenta[6], os motivos que explicam estas discrepâncias entre escolas e as continuidades no interior de cada uma terão que ser procuradas noutros factores. Anotam-se, por relevantes, as diferenças entre contextos socioculturais e económicos do meio envolvente de cada uma das escolas, particularmente das A e F, conforme poderemos concluir da caracterização que é apresentada no quadro n.° 1. Haverá, porém, outros factores que poderão contribuir para tornar mais claras as motivações (ou desmotivações) dos alunos que abandonam prematuramente os estudos nas escolas secundárias de Vila Nova de Gaia.

As respostas dos conselhos executivos das seis escolas secundárias indicam que os factores relativos ao "extracto sócio-cultural de onde provém o aluno", à "fraca preparação académica para o novo ciclo de estudos e consequente adaptação" e "desinteresse da família pelo percurso escolar do alunos" são por eles considerados os mais relevantes para a decisão de desistência. Pelo contrário,

[6] No ano lectivo 2006/2007, a Escola A e a Escola F são frequentadas, respectivamente por 878 e 259 alunos do ensino secundário, respectivamente.

tendem a desvalorizar factores ligados à acção da escola. A dispersão das respostas sugere percepções diversificadas quanto à importância dos indicadores, muito embora sejam convergentes no preenchimento mais frequente dos graus de "muito relevante" e de uma incidência de "determinante" em cada um dos campos relativos ao meio envolvente, ao indivíduo e à família. A atribuição de importância a factores exógenos, ligados ao meio envolvente, ao indivíduo ou às famílias poderá ser entendida como um processo de "naturalização" do fenómeno pelas escolas, como é perceptível pelo número de alunos que, consecutivamente, saem precocemente do ensino secundário. A percepção da "fraca preparação académica para o novo ciclo de estudos e consequente adaptação" inscreve-se numa visão do ensino secundário como ciclo de preparação para o ensino superior, de consciência interna quanto às pressões de controlo externo por via da posição nas tabelas nacionais, ordenadas com base nas classificações de exame, e do prestígio sobre a eficácia e legitimidade das organizações a partir do ingresso dos seus alunos em cursos com prestígio social.

A partir da análise de conteúdo das entrevistas realizadas, categorizámos a sua apresentação de acordo com os seguintes campos de análise: factores individuais, familiares, centrados na escola e causas atribuíveis ao meio envolvente. A maioria dos entrevistados apresentou mais do que uma causa, independentemente do grau de importância que atribui a cada factor individualmente considerado, para a decisão de abandonar os estudos secundários. As razões invocadas por cada um dos indivíduos inscrevem-se em diferentes campos de análise, numa interrelação entre factores e intersecção de dimensões que tornam o universo de análise mais complexo.

Demonstrando dificuldade em encontrar uma única e "determinante" causa para terem saído da escola, na sua própria busca de factores, os jovens tendem a estender as respostas e a sair do núcleo central da entrevista. Nessas divagações providenciam informação complementar na qual revelam motivos ou acontecimentos que, não constituindo, em si mesmos, causa directa percebida pelos actores ou não sendo assumida como tal, têm efeitos mais ou menos próximos nas decisões de desistência. Os factores evidenciados pelos jovens interagem entre si, tornam complexa a percepção do problema em toda a sua extensão e profundidade, ou como diz Azevedo (1999:79), "entrecruzam-se e, em vários casos, emaranham-se de modo por vezes insondável".

Constituem os principais factores de ordem **individual**, invocados pelas vozes dos próprios para a saída prematura do ensino secundário: dificuldades de aprendizagem, com baixos desempenhos em disciplinas de áreas específicas (principalmente Matemática e Física e Química) e áreas de formação geral (Língua Materna e Filosofia); inadaptação ao novo ciclo de estudos e/ou à nova escola; actos de indisciplina e rebeldia; opções vocacionais erradas; vontade

de trabalhar para conquista de independência financeira e de autonomia. No campo de análise reportado às **famílias**, foram verbalizadas as seguintes causas de abandono: problemas de ordem económica nas famílias (os mais citados), quase sempre associados a razões de saúde ou de instabilidade conjuntural do agregado familiar; movimentos migratórios; conflitos familiares quanto às opções tomadas; escasso apoio familiar à presença na escola e ao sucesso escolar. Os factores imputáveis à **escola,** apesar de surgirem com menor incidência do que os dois anteriores, encontram-se de igual modo presentes como causas de abandono por parte dos jovens: a inexistência ou escassez de vagas em cursos profissionalizantes desejados, a impessoalidade e distanciamento no tratamento por parte de professores, o aborrecimento em algumas aulas pela dificuldade no entendimento de códigos linguísticos usados, a percepção da aplicação de critérios de tratamento injustos, a falta de orientação vocacional adequada e as dificuldades inesperadas, principalmente em cursos que pensavam vir a ser mais práticos, constituem os factores citados pelos entrevistados. Foram parcas as referências a causas directamente relacionadas ao **meio envolvente** por parte dos jovens: as oportunidades de emprego pelo recrutamento de mão-de-obra não qualificada e juvenil foram anotadas apenas por uma das jovens. Porém, em muitas das situações relatadas, concluímos que actividades laborais pouco exigentes quanto à qualificação académica, designadamente em pequenas empresas locais, incluindo as de âmbito familiar, contribuíram para as decisões de saída prematura.

As percepções das seis escolas secundárias de Vila Nova de Gaia incluídas neste estudo, quando cruzadas com as razões alegadas pelos alunos, contêm divergências e convergências quanto ao entendimento e relevância de factores nos diferentes campos de análise. Nas primeiras contam-se os efeitos do ensino secundário no momento da decisão dos alunos (subvalorizados pelas escolas), a importância percebida quanto ao peso do papel das expectativas educacionais familiares (cuja influência é sobrevalorizada pelas escolas), a eficácia das acções de acompanhamento dos alunos (pouco perceptíveis na perspectiva destes, exceptuando esforços isolados de directores de turma ou de outros professores), as oportunidades do mundo do trabalho e da fraca valorização da escola no meio social (factores relevantes, segundo as escolas, e praticamente ignorados pelos alunos). Quanto às segundas, coincide a atribuição de causas de abandono a questões ligadas a problemas económicos das famílias, à falta de mecanismos de apoio social, ao maior nível de exigência dos professores neste segmento de ensino e, ainda, a fragilidades de preparação académica.

No âmbito dos factores individuais, a trilogia composta por dificuldades de aprendizagem, insucesso escolar e repetência nunca foi associada explicitamente pelos alunos. No entanto, os entrevistados tinham interiorizado que as suas dificuldades de aprendizagem se tinham iniciado aquando das primeiras

repetências. Cinco dos entrevistados alegaram factores exógenos para o fracasso escolar: a influência de "amigos" ou de "más companhias". A indisciplina, factor citado por dois jovens como causa de abandono, constitui, nestes casos, uma consequência de um processo de desvinculação à escola iniciado pela revolta de ter que aí regressar à escola de origem (Escola D), por não encontrarem vaga no curso de aprendizagem que pretendiam efectivamente frequentar.

O difícil (ou impossível) discernimento das principais causas do abandono escolar precoce, pela voz dos próprios jovens, reforça a ideia da complexidade de que se revestem. É, contudo, perceptível que alguns tinham já iniciado previamente o processo de "desvinculação" à escola. A "desescolarização" progressiva de alguns destes jovens foi precedida de um abandono cognitivo, associado a sentimentos de rejeição e de injustiça, conclusões idênticas às de estudos internacionais realizados. Confirmando, igualmente, as conclusões de Ferrão *et al.* (2001) e de Azevedo (1999; 2002b) e adaptando-as ao universo de Vila Nova de Gaia, os dados encontrados sugerem a existência do peso relativamente forte das lógicas familiares nos abandonos escolares prematuros no ensino secundário. A baixa escolarização dos pais ou as lógicas de abandono da escola por parte de irmãos ou outros familiares ajudam a vislumbrar os contornos em que se desenha uma boa parte das saídas prematuras.

A ausência de mecanismos de detecção de problemas promotores de saída prematura, a escassez ou inexistência de apoios, no meio envolvente, para colmatar dificuldades das famílias, as limitações de actuação das escolas perante essas e outras dificuldades constituem desvantagens acrescidas. Ao nível concelhio, no âmbito da Carta Educativa Municipal, o abandono escolar precoce não mereceu qualquer tratamento ou menção. Trata-se de uma lacuna que, ao nível municipal, se torna urgente e necessário preencher. Para tal, importará desde já levantar as seguintes interrogações: no combate ao problema que envolvimentos e implicações deverão ter os diferentes actores sociais locais - autarcas, empresários, pais, professores, dinamizadores culturais locais, associações religiosas, centros de saúde e outros intervenientes em estruturas de rede social comunitária? Contribuirão as expectativas colocadas na diversificação da oferta educativa, com a inclusão de cursos profissionais ou profissionalizantes, para o aumento efectivo da escolarização dos jovens gaienses? Estarão as matrizes pedagógico-didácticas que configuram as acções no interior das escolas adequadas ao combate ao problema em estudo? Que dispositivos organizacionais, para além da diversificação curricular, poderão ou deverão as escolas adoptar para superar problemas de vinculação dos alunos às escolas, à aprendizagem e consequente desistência? Até que ponto haverá reconhecimento por parte do "mundo do trabalho" das vantagens de qualificações e escolarização por parte dos seus colaboradores?

Referências bibliográficas

ALEXANDER, K. *et. al.* (1997). *From First Grade Forward: Early Foundations of High School Dropout.* Sociology of Education. (70). pp. 87-107.

ALMEIDA, E. P. & SANTOS, M. O. (1990). *Abandono Escolar.* Ministério da Educação/ Gabinete de Estudos e Planeamento.

AZEVEDO, J. (1999), *Inserção precoce de jovens no mercado de trabalho.* Lisboa: PEETI – Plano para a Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil. Colecção Cadernos PEETI – Volume I.

AZEVEDO, J. (2002a). *O fim de um ciclo? A educação em Portugal no início do século* XXI. Porto: Edições ASA.

AZEVEDO, J. (2002b). *Abandono escolar precoce.* In Suplemento do Correio da Educação, n.º 33, de 21 de Outubro de 2002. CRIAPASA.

AZEVEDO, J. (2003). *Rendimento Escolar nas Escolas Secundárias e nas Escolas Profissionais: Resultados de uma Amostra.* In Revista Portuguesa de Investigação Educacional. N.º 2/2003, pp. 5-32.

BARTON, P. (2006). *One-Third of a Nation. Rising Dropout Rates and Declining Opportunities.* Princeton. Educational Testing Service.

(www.ets.org/Media/onethird.pdf).

BEEKHOVEN, S. & DEKKERS, H. (2005), *Early school leaving in the lower vocational track: triangulation of qualitative and quantitative data.* Adolescence, 40 (157), pp. 197-213.

BENAVENTE, A. *et al.*. (1994). *Renunciar à escola: O Abandono Escolar no Ensino Básico.* Lisboa, Editora Fim de Século.

BONNÉRY, S. (2004). *Le décrochage scolaire en France: un "problème social" émergent?* In Révue Internationale d'Éducation, n.º 35, Sèvres, pp. 81-88.

BRIDGELAND, J. et. al. (2006). *The silent epidemic. Prespectives of High School Dropouts.*Washington D.C. Civil Entrepises, LLC.

BROCCOLICHI, S. *et al.* (2004), *Qu'est-ce qui déasvantage scolairement des enfants de famillas défavorisées socialment?* Carré des Sciences. Ministère de la Jeunesse, de l'Éducation Nationale et de la Recherche.

DAVID, A & FORAY, D. (2003). *Economic Fundamentals of the Knowdge Society.* Policy Futures in Education, Volume 1, Number 1, pp. 20-49.

EKSTROM, *et. al.* (1986). *Who drops out of high school and why? Findings from a national study.* Teachers College Record, n.º 65. pp. 356-373.

FERRÃO, J. *et al.* (2001). *Saída Prematura do Sistema Educativo: Aspectos da Educação, Causas e Perspectivas em termos de Emprego e Formação.* Lisboa: Observatório de Emprego e Formação Profissional.

HEMERIJCK, A. (2006), *Social Change and Walfare Reform,* in GIDDENS,

A; DIAMOND, P. & LIDDLE, R. (eds) *Global Europe, Social Europe.* Cambridge: Polity Press, pp.106-123.

JANOSZ, M. *et. al.* (1997). *Disentangling the weight of school dropout predictors: A test on two longitudinal samples.* Journal of Youth and Adolescence, 26 (6). pp. 733-762.

KRITIKOS, E. & CHING, C. (2005): *Study on Access to Education and raining, Basic Skills and Early School Leavers. Lot 3: Early School Leavers.* Comissão Europeia, (http//europa.eu.in/comm./education/doc/reports/doc/earlyleave.pdf).

LEE, V. E., & BURKAM, D. T. (2003), *Dropping out of high school: The role of school organization and structure.* American Educational Research Journal, 40, pp.353-393.

PLANO NACIONAL DE PREVENÇÃO DO ABANDONO ESCOLAR – PNAPAE – (2004). *Eu não desisto.* Lisboa: Ministério da Educação/ Ministério da Segurança Social e do Trabalho.

RODRIGUES, M. J. (2006). *A Agenda de Lisboa em Portugal e na Europa.* In CASTELLS, M. & CARDOSO, G., (orgs). *A Sociedade em Rede. Do Conhecimento à Acção Política.* Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda , pp. 393-418.

RUMBERGER, R (2001), *Why students drop out and what can be done,* paper prepared for the Conference, *"Dropouts in America: How severe is the problem? What do we know about Intervention and Prevention?"* Harvard University, January 13, 2001.

SMYTH, J. & HATHAM, R. (2001). *Voice Research as a Sociology for understanding "dropping out" of school.* British Educational Research Journal, (3), 22, pp. 401-415.

SMYTH, J. (2005). *An argument for new understandings and explanations of early school leaving that go behind the conventional.* London Review of Education. (3), 2, pp. 117-130.

SWEETEN, G. (2006). *Causal Inference with Group-based Trajectories and Propensity Score Matching: is High School Dropout a Turning Point?* University of Maryland. (https://drum.umd.edu/dspace/handle/1903/3504)

TILLECZEK, K. *et. al.* (2006). *Why Leave School? Ask Those Who Do.* Education Canada. Canadian Education Association. Fall 2006, (46), 4, pp.19-22.

Abstract

In this work we tried to find which factors influence youths to early leave secondary schools in Vila Nova de Gaia. Through a qualitative study we interviewed youngsters who had attended grade 10 or 11, within six secondary schools in the municipality, and had left before completing their secondary studies. We also tried to know what head executives of these secondary schools thought about the relevance each group of factors performed to influence early school withdrawing.

Our findings suggest the early school leaving, as a multi-dimensional process, is influenced by a wide variety of in-school and out-of-school factors that have, as a consequence, serious individual and social costs. The influence degree of one or more factors depends on the current social, economic, and educational situation of youths at the moment they leave school. The study of the head executives' understandings suggests they converge with youngsters' perspectives about the main factors; however, they diverge about the influence level of each group of factors in early leaving decisions.